1.º Anno — Quinta-feira, 26 de Maio de 1892 — Numero 15

A Folha d'Ovar

FOLHA LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSAVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 25 de maio

Quando atacamos, não offendemos, e quando defendemos não lisongeamos.

O ataque, embora muitos julguem o contrario, não é uma offensa. Quando elle emprega a intriga e a calumnia, a ameaça e o escarneo em favor da sua causa, então deixa de ser ataque, para tomar o nome d'insulto.

Nós não insultamos.

Temos defendido a academia e atacado o governo, sem todavia lisongearmos a primeira e insultarmos o segundo.

A nossa opinião é, foi e ha-de ser sempre em favor da academia de Coimbra. E' uma opinião livre de qualquer coacção e além d'isso fundamentada.

E' impossivel o inferior guardar o devido respeito ao superior, quando este não tem por elle a minima consideração.

E qual foi a causa do conflicto academico?

Foi, sem duvida, a precipitação do reitor, precipitação que se transformou n'um insulto atirado ás faces da academia.

Ora essa precipitação tem uma explicação bem facil, para quem souber que já de ha muito o reitor não sympathisava muito com os academicos.

Seria desnecessario reproduzir aqui um certo numero de factos que bem provam o que dizemos.

Ora, não vendo o reitor com bons olhos a academia, como havia esta de guardar-lhe o devido respeito?

E muito mal andou o reitor, saciando a sua vingança, que decerto havia ha muito premeditado, em occasião tão impropria.

O motivo porque se levantou o conflicto academico, foi tão futil, tão banal, que nos parece impossivel que o governo providenciasse como providenciou.

N'outros tempos não era assim. Quando haviam motivos mais que sufficientes para proceder contra a academia com toda a severidade, em vez da força armada, empregava-se a exhortação paternal e a boa vontade dos superiores para que se recuperasse o perdido.

E' inutil relembrar aqui memorias e datas, porque toda, ou a maior parte da imprensa se tem occupado d'isso e muito circumstanciadamente.

Portanto, mais uma vez repetimos que a razão está da parte da academia, e que o governo foi demasiadamente precipitado em attender ás reclamações do reitor, sem primeiro palpar bem o campo inimigo.

*

Agora vejamos a resolução do governo, que tem por fim terminar o conflicto.

Resolução sapientissima que assombrou os povos do Universo!!!

Parecia-nos mais natural ainda passar mandado de captura a todos os academicos, do que obrigal-os a fazer uma *justificação* irrisoria.

Ao menos recolheriam a Coimbra, como de lá foram expulsos...

Achou o governo que resolveu da melhor maneira a questão academica com a tal *justificação*, e não se lembrou que o seu decreto ia fazer rebentar de riso todo o mundo!

Ora nós, como toda a gente, rimos a bom rir, e tambem queremos dar o nosso alvitre á academia, para assim lhe facilitarmos d'algum modo a sua *justificação*.

Tomamos a liberdade de lhe apresentar um modêlo para os requerimentos que tem a fazer, e, áparte a nossa modestia, temos o orgulho de dizer-lhe que d'entre todos é este o melhor modêlo:

Ex.mo sr. reitor.

F..., tendo de justificar as faltas dos dias *tal e tal*, explica-se do seguinte modo:

«V. ex.ª assim o quiz e nós não o queriamos assim; mas como v. ex.ª teimou, não tivemos remedio senão querer.

Ora como v. ex.ª assim o quiz, assim o tem.

Por isso

P. a v. ex.ª
deferimento,

F...

E' a melhor maneira de descalçar a bota.

LITTERATURA

A EDUCAÇÃO E OS JESUITAS

(Continuação)

A educação divide-se em physica, intellectual e moral, segundo tem por fim provêr ao aperfeiçoamento e conservação do individuo emquanto material, á direcção do entendimento ou da vontade.

Para a boa educação intellectual é condição indispensavel a boa educação physica, pois as funcções do cerebro estão intimamente ligadas com as do corpo. Assim: se o homem se alimenta bem, robustece a intelligencia e por isso pensa bem; alimentando-se mal, á fraqueza do corpo segue-se a fraqueza da intelligencia e por isso pensa mal. Todos sabem que um doente em periodo agudo, estando fraco, não póde ordenar os pensamentos e por isso delira.

Cumpre-me, pois, tratar da educação physica como precedente para a intellectual.

Um dos elementos essenciaes ao homem, bem como ao resto da animalidade, é o ar que respiramos, entidade em que não haveria vida pelo menos em seres organisados, como os do nosso planeta.

O homem trabalha á custa d'uma certa energia, que se transforma n'esse trabalho. Esta energia é o calor. Para parecer que o calor se vae transformando, é preciso regeneral-o. E' o ar, que, com esse oxigenio, vae produzir no seio do organismo as combustões fornecedoras d'esse calor.

Não basta qualquer ar; é preciso, é urgente, que seja puro, que esteja expurgado de muito anhydrido carbonico e outras impurezas improprias para alimentar a combustão.

De tudo isto se conclue que o ar puro é tão essencial á vida ou mais que o pão para comer. Diz Hufeland: «as creanças e as plantas assemelham-se no modo por que se desenvolvem. Dêem-lhes alimentos em abundancia, etc., etc.,... mas, se as subtrahirem ao ar e á luz, tornar-se-hão pallidas, murcharão, deixarão de crescer e por fim morrerão de fraqueza. Para conservar a saude e a vida, o respirar ar puro e fresco é tanto ou ainda mais necessario que beber e comer. Sei de creanças, que toda a vida ficaram fracas e enfezadas, porque durante a infancia as educaram como plantas de estufa. Pelo contrario o exercicio frequente ao ar livre, um banho de ar cada dia é o meio unico de dar ao recem-nascido boa côr, força e energia para toda a vida. Este modo de proceder tem outra vantagem importante e vem a ser enrijar o

---

[3] **Folhetim da FOLHA D'OVAR**

TRISTE DE QUEM AMA!

(Ao seu presadissimo amigo M. G. Dias)

«Amo-te ternamente, apaixonadamente!!...

«Deixa que eu beije estas flôres que por ti fallam na sepultura e que orvalhe com as minhas lagrimas a fria terra que cobre os teus negros cabellos e o teu collo de jaspe!

«Deixa que o meu coração ainda hoje palpite d'um frenetico amor, e que essas ardentes palpitações, atravessando a humida terra que te separa de mim, vão fazer estremecer docemente o teu regelado cadaver!

«Deixa... ai! não! Isto é um sonho delicioso que me acalenta por momentos.

«Eis aqui a realidade: um tumulo onde ella está e um desgraçado, eu, chorando debalde a sua triste soledade!...

«Ella está morta! Ai! e eu vivo ainda?

«Que venha a Parca ceifadora da humanidade e que subjugue debaixo do seu funebre cutello a minha tenebrosa existencia!

«Pois poder-se-ha viver, meu Deus, soffrendo assim?...»

.....

Disse, e n'um soluçar convulso, beijava delirantemente a terra fria da sepultura da sua querida, recamada de petalas de rosas brancas..

Como que dormindo profundamente, conservou-se assim, extatico e silencioso, com a fronte pendida nos goivos e suspiros tumulares.

Tinham passado algumas horas. O luar ia perdendo o seu magnetico fulgor, porque a lua, mais pallida que uma folha de rosa cahida no outomno, tombava docemente sobre o oceano immenso, azulado...

Que silencio no cemiterio!

Porém agora, já não era elle o poetico cemiterio da meia noite, illuminado pelo luar brilhantemente saudoso.

Por além das serranias longinquas, já vinham sorrindo os primeiros clarões da aurora e as flôres pendiam a fronte toda orvalhada.

No campanario da visinha egreja, soaram quatro horas!

.....

O infeliz amante estremece. Levanta-se como impellido por uma mola occulta.

Treme e olha em volta de si com um olhar de demente.

Depois, curva-se, ajoelha, beija a terra da sepultura e cortando um orvalhado suspiro, murmura uma palavra apenas: «Adeus!...»

.....

E elle lá vae, o pobre vate do amor, sem uma esperança consoladora que lhe suavise o seu tormento!

Desappareceu. Nunca mais o vi.

.....

O sol despontava alegre e radiante por detraz das longinquas montanhas de verde escuro. A brisa precursora da manhã, affagava brandamente as florinhas do prado, que elegantemente cumprimentavam o radioso astro do dia.

E as tristes flôres do cemiterio, tambem partilhavam da mesma alegria, do mesmo prazer, sacudindo de si as pequeninas perolas d'orvalho que lhes faziam pender a fronte.

As petalas brancas da campa da virgem, esse singelo tapete estendido sobre um tumulo por mãos que outr'ora ligaram ao seio a que agora lá descança, essas tambem sorriam aos doces affagos dos brandos e dourados raios, que das cordilheiras distantes as vinham amorosamente beijar...

Que pena, que ellas murchem, quando a luz crepuscular da tarde, esvahindo-se por entre o cypreste e o cedro, vier escurecer os brancos sepulchros como a neve das montanhas...

Mas não importa! que ao despontar o sol da manhã seguinte, outras flôres, tão brancas como o luar é branco, cobrirão a modesta campa da virgem.

Feliz d'ella que descança! Desgraçada humanidade que soffre!!...

.....

.....

.....

Amor sem desdita, é o mar sem vaga: amor infeliz e tormentoso, são as conchas que o oceano arroja á praia.

.....

Ai! triste, triste de quem ama!...

Ovar, 27 de março de 1891.

Silvestre Ameno.

corpo para resistir ás causas pathologicas, tornando-o capaz de supportar as alternativas do calor e frio e outras intemperies. Se a creança puder ir tomar ar para um logar coberto de verdura e assombrado de arvores, em curta distancia do povoado, ainda melhor».

Os collegios jesuiticos estarão nas condições preceituadas pela hygiene? Os recintos, onde os educandos passam a maior parte do tempo (egreja, aulas e dormitorio) poderão fornecer todo o ar puro de que careçam? Ou antes serão acanhados, pouco asseiados e pouco ventilados? Que responda a isto um grande numero de educandos, que sahem de lá mirrados pela anemia e com os pulmões estragados! Os jesuitas descuram esta parte tão importante da educação e por isso desconhecem os preceitos ainda os mais rudimentares da hygiene; despresam esta parte da educação, porque «o seu fim, diz o sr. Lourenço d'Almeida e Medeiros, é o dominio, a influencia, a riqueza».

Hildebrando.

(Continúa)

A MOCIDADE E O DESTINO

(NOTAS LIGEIRAS)

(Continuação)

E *se porventura as tivesse*, era uma gloria para elle, porque «apontam-se a cada momento aos grandes genios e aos orgulhos mais atilados.»

Diz mais o sr. Amyntas, com toda a sensatez que lhe é propria, que o «leitor encontra n'essa obra diversidade de assumptos, tratados com proficiencia: alli sente-se transluzir uma irrequieta jovialidade em nucleo de risonhas opalas; alli resoa em accordes de religiosidade a harpa mais sonora da crença; alli, emfim, transparece em callidas manifestações de vitalidade dos pensamentos, a viveza das imagens e a firmeza na discussão.»

Ditosa mãe, que á patria deu tal filho! é a unica phrase que de contínuo nos occorre ao expormos modestamente, despretenciosamente o nosso sentir.

Antes de passarmos uma ligeira revista a esse *mimoso bouquet de litteratura* que tão desassombradamente é exposto ao publico, poderiamos ainda ir um pouco mais longe, mas se a obra está prefaciada por mão de mestre, se ella se encontra apreciada por uma penna brilhante que faz honra á litteratura hodierna, que falle por nós o preclaro professor e vice-reitor do Seminario de Beja (*Successos*, numero citado):

«Não me venham dizer que Homero no canto III da Odyssea, personifica sob o nome de Destino um poder irresistivel, que dicta a cada um dos deuses e dos homens a sua sorte, sorte proveniente d'uma necessidade invencivel e que Moysés Nora loucamente enlevado na grandeza epica do poema grego, podia deixar-se arrastar ao erro pagão do fanatismo e manifestal-o, agora, no seu livro, como se manifesta nas tentativas tragicas de Schiller, Mulluer e Grillparzer. Moysés Nora desconhece o idioma grego.»

E eu *de corde* o lamento, porque seria para nós d'uma belleza incomparavel o fazer reclinar em setineos cochins, na meza dos banquetes, o flacido Jesus dos montes de Galilea, junto ás taças espumantes dos venerandos mythologicos deuses do Olympo!

*

Em todas as paginas d'esses *primeiros lampejos litterarios*, como muito a proposito diz o seu auctor, «encontrar-se-hão provas manifestas d'um verdadeiro crente e fervoroso servidor da patria; e, comquanto, onde a onde, imperem na redacção alguns mais ou menos rasgos de simplicidade, não é por isso que definhará ou claudicará o seu valor.

O seu bom intento aqui, deve valer tudo.»

Além d'isso, diga-se de passagem, não é á verdadeira critica que se submette um livro, embora *surprehendente* como este, porque foi um fructo «nascido na tranquillidade remançosa das noites estivaes; serviu-lhe de alento a brisa da esperança e de esperança os verdes annos e o despertar da juventude.

Havia muito que o neophyto das lettras, na sua gaveta de estudante, escondia solicitamente as sentidas producções da sua penna promettedora.

Se alguem lhe dissesse que as humildes violetas do jardim da sua alma, precisavam e mereciam ar e luz - o ar e a luz da publicidade—elle, sorrindo modestamente, referia o que os antigos lacedemonios faziam aos filhos, cuja deformidade os tornaria inhabeis para servidores da patria (prologo).

Quod natura dat, nemo negare potest, é innegavel.

O preexcelso genio de que é dotado, em tudo se revella.

O livro abre por «Uma victima do amor». N'aquellas *altas sumidades do poder* (pag. 19), *gosando o bello di o refresco vespertino* (pag. 22), quando o pobre *rapaz galgou a fenetra* (pag. 22), ha, na realidade, uns toques de sublime.

Depois continua a pag. 23 fallando de *chuchurrebiadas* beijocas; a pag. 26 da *cyclopica* magestade d'um justo.

Que belleza, que perfeição, que nitidez de termos *tão proprios* d'uma estreia litteraria!...

E não ha menos razão para ficarmos extatico ante—um flautim soprando por todos os buracos (pag. 31), na pobre Olympia —um dos *famosos heroes* d'aquella narração altamente arrebatadora, quando já andava *atrelada* ao engenheiro Le Koaspir (pag. 35).

Admirando-lhe na mesma pagina a *mirifica cadeira d'ebano*, encontramos-lhe n'uma belleza excepcional a — connivencia nos furores ultrabiliarios.

E quem o não contempla, com todo o ardor d'um coração juvenil, a gritar desesperada e *attrabiliariamente* a pag 42?...

Aqui *marcha com uma versatilidade pasmosa* (pag. 46); alli tem *os peitos tagantisados por cryspante pyra* (pag. 47); além falla *da sua outr'ora tão sobrecellente conducta* (pag. 51), julgando-se, para todos os effeitos *um infinitamente perdulario e manirroto!!* (pag. 67).

Depara-se-nos depois o chimerico fervor de suas esporadicas, vãs, apocryphas, inspirações (pag. 69).

Devemos tambem seguir de perto a excellente orthographia de tão *sympathica penna*, quando para cumulo de gloria chama a um dos seus personagens um *sports-mans* (pag. 30), e mais além, altivo, qual o fiel de Guerra Junqueiro em noites de lua cheia—triste como a tristeza *osseanica* do mar (pag. 44), *a estrampalhar-se* (pag. 80) no *modus morrendi* (pag. 80).

Tudo isto são perolas, aliás valiosas, engastadas na formosa corôa de tão *laureado escriptor*.

No esplendoroso — Coragem, vencidos!—nada, por certo, se olvidou de grandioso que podesse e devesse ostentar-se nas esplendidas paginas da *Mocidade e o Destino*.

Segue depois uma apreciação ao sr. Ançã, a que este incontestavelmente talentoso poeta se refere no prefacio.

Na—desconchavada emigração —ha, como se póde vêr, sinceras *lufadas de patriotismo*.

(Continúa)

Cupido, o Grande.

O tio padre

(A D. R. V.)

Clotilde contava ainda só dezoito annos; era extremamente bella e affavel, e d'um genio doce e excessivamente meiga.

Havia alguns mezes que sahira do collegio, onde recebeu esmerada educação, para viver com seu tio padre—um velhote austero, rigoroso bastante, e que parochiava a freguezia de *.

O reverendo era ainda vigoroso, apesar de estar já em edade avançada; tinha os cabellos brancos como uma pomba e a pelle cheia de rugas; toda a gentinha da aldeia o respeitava muitissimo. A' noutinha, depois de resar o Breviario, ia entreter-se jogando a *bisca*, em casa d'uns seus parochianos e dilectos amigos — os Zanaias—, deixando a sua cara Clotilde, entregue aos cuidados e carinhos de sua patrôa antiga, a *ti* Joanna, que tambem sentia pela menina uma affeição especial.

Os Zanaias eram tambem uns velhotes; tinham em sua companhia, para lhes administrar a casa, Arthur, um rapaz que ha dois annos deixára de cursar Coimbra, porque, dizia elle, lhe haviam faltado os recursos e meios de subsistencia.

Moço alto, bem nutrido, rosto moreno e bigode preto; delicado bastante e assaz engraçado cahira no agrado de Clotilde, que, apesar da opposição do reverendo, lhe dava attenção e por vezes cavaqueava com elle, o mais animadamente possivel.

Os Zanaias não desgostavam do casamento, porque estimavam muito o rapaz, mas o velhote é que não estava pelos *autos*, pois queria unir Clotilde com um seu *afilhado*, empregado da linha-ferrea, a quem deixaria todos os seus haveres, que não eram poucos; Clotilde, porém, é que não gostava d'elle, e se o abbade lhe falava n'isso ella vertia amarissimo pranto.

*

Um dia, porém, Arthur e Clotilde vieram a ser felizes.

Era n'uma das tardes do mez d'abril; o sol lá em cima espreguiçava-se indolentemente, enviando uns raios fortissimos, abrazadores, e só de quando em quando alguma rajada de vento vinha refrigerar e minorar aquelle calor intenso.

O tio padre havia sahido na vespera, bem cedo, com destino á cidade do Vouga, afim de assistir a umas exequias por alma d'um varão illustre e prestimoso e de quem tinha sido amigo dilecto, tencionando demorar-se talvez alguns *tres-quinze* dias, a tratar de negocios de summa importancia.

Clotilde e Arthur julgaram-se, pois, na sua quinta e namoravam socegadamente, por uma *pá velha*.

Ella estava risonha, alegre, encantadora como sempre, mas tinha mais affagos que nunca: os cabellos pretos cahiam-lhe pelos hombros bem feitos e os olhos tinham o brilho das estrellas.

Apoiada no peitoril da janella, despresava os ralhos da *ti* Joanna, a quem ficára confiada, para só dar attenção a Arthur, que da sombra d'um annoso freixo lhe fazia galanteios e requebros.

Este colloquio, porém, não foi duradouro.

O tio padre, encontrando o tal *afilhado*, quiz que este viesse fazer uma visita a Clotilde, e então, pondo de parte os taes negocios, marcháram para a aldeia.

O velhote já pelo caminho vinha dizendo a Luiz (assim se chamava o afilhado):

—Vejo que a morte para mim se não póde fazer esperar por muito tempo, mas eu antes d'isso desejava vêr Clotilde bem amparada, dar-lhe um marido bom, zeloso, a quem eu deixasse os meus bens, mas respeitasse as minhas cinzas. Ora és tu, Luiz, és tu que estás escolhido para meu sobrinho. Concordas n'isto, pois não?

Luiz escancarou os olhos, deu dois gritos d'alegria, fez um accêno de consentimento, dizendo para comsigo—que pechincha!

—Anda por lá um guarda-livros, continuou o padre—sempre de charuto e bengala, querendo-a namoriscar, mas eu já reprehendi severamente a menina, que, parece-me, lhe não acceita a côrte, elle andou em Coimbra...

Luiz sempre perguntou: como se chama elle?

—Não sei bem, tornou o abbade, cuido chamar-se Arthur Lopes.

—Conheço-o perfeitamente, replicou Luiz.

E' que tinham sido companheiros em Coimbra, e por um caso analogo, Arthur havia quebrado, com um marmeleiro, as costellas a Luiz.

O velho sacerdote e seu caro *afilhado* chegaram finalmente á aldeia. Ficaram boquiabertos, estupefactos e admirados, ao verem que Clotilde dava attenção a Arthur.

Luiz ficou pasmado, attonito, perturbado; o velhote sorveu, enraivecido, duas pitadas, e sem poder articular palavra dirigiu-se a casa; Arthur solta duas estridentes gargalhadas emquanto que, Clotilde, com animo sereno e tranquillo, vae á escada receber seu tio, que vinha pallido, em suores, nervoso.

Os dois rivaes cumprimentaram-se então, friamente, e Arthur com a serenidade de espirito que o caracterisava, pergunta ao seu antagonista:

—Então, por cá?

—E' verdade, diz Luiz, venho visitar a menina Clotilde, mas retiro em breve.

—Será bom, será bom, tornou Arthur.

Luiz sobe, é recebido com friesa por Clotilde, despede se de seu padrinho e embarca no primeiro comboyo, já sem esperanças de possuir aquelle anjo que idealisava.

O abbade cahiu de cama por alguns dias, passados os quaes se levantou para abençoar o enlace de Clotilde e Arthur.

Ois do Bairro, 1892.

Gonçalves Pereira.

NOTICIARIO

Excursão ao Bussaco

—

O café «Cerveira» e a ponte da Madria estão de lucto por pouco tempo.

O nosso bemquisto amigo J. Gomes, do Largo de S. Thomé (para evitar confusões), acompanhado dos seus vassallos: seu mano Augusto de Oliveira Gomes, Silva Cerveira, Zagallo, e os cavalheiros Alexandre Brandão e Henrique Brandão, da Villa da Feira, partiram hontem, no comboyo da manhã, em direcção ao pittoresco Bussaco, afim de assistirem á pomposa festa d'Assumpção, que tem alli hoje logar.

Lá foram em amigavel sucia e com projectos de gosarem quanto possam, os leaes e inseparaveis vassallos excursionistas, sob o commando do capitão da pandega, veterano n'esta arma, J. Gomes.

E' por isso que dizemos estarem de lucto, mas de lucto carregado, o café e a Madria.

O livro das quarenta folhas, acha-se em descanço; faltam-lhe agora os assiduos leitores para... para jogarem o *burro* e o *mafarrico!* As lavadeiras da dita ponte podem erguer as mãos para a patria celeste, pois os seus *visitantes* diarios estão a estas horas a fazerem fogo com a escopêta dos dentes aos frangos assados e á *pinguinha* da Bairrada.

O pequeno destacamento tenciona recolher ao seu quartel general no sabbado proximo.

Deus os traga sem novidade.

De visita

—

Estiveram entre nós, no sabbado, os ex.mos srs. drs. Vicente Pedro de Carvalho e Souza, do Couto de Cucujães e Victorino Corrêa de Sá, distincto advogado na comarca da Villa da Feira, que veio assistir ao julgamento de policia correccional do sr. Pacheco Polonia, como advogado d'accusação.

Fins de férias

—

O sr. Zé Dias entendeu mandar passar guia de marcha para o quartel da Universidade ás praças academicas, ha dias escorraçadas, que foram, d'alli.

Pelos modos a teimosia do ex.mo commandante, que teve a patente de reitor, continúa: nem pede a sua reforma nem *s'ademète*. Coimbra passa ao estado anormal. O commercio gira, os policias giram, só quem de certo não gira do seu gabinete é o nosso grande e admirado reitor!

Grande e admirado, sim!

E' tão grande, é tal o poder de sua exc.a que, vendo-se ou julgando-se offendido pelos seus subordinados, bastou simplesmente telegraphar ao ex.mo Zé Dias para este grande homem tambem pôr cobro e dar-lhes o correctivo exigido!

Parece-nos que a estrella da paz, ou talvez—quem sabe?—a estrella do arrependimento paire pela secretaria do sr. ministro; terminaram portanto as férias.

No domingo seguiram para Coimbra 3 *insubordinados:* o ex.mo sr. dr. José Antonio d'Almeida e os nossos amigos M. Quadros e A. Fragateiro.

Julgamento

—

O sr. José Pacheco Polonia, casado, negociante d'esta villa, e José Corrêa Vermelho—o Carregal—pescador, da rua do Loureiro, responderam no sabbado em policia correccional. O primeiro era accusado de ter ferido o ex.mo sr. dr. Vicente, e o segundo de, conjunctamente com este e com seu filho ausente, ferirem dois pescadores, no Furadouro, por causa d'umas rixas havidas entre duas companhas.

O sr. Polonia foi condemnado: pelo primeiro crime em 8 dias de prisão e 20 remidos na razão de 200 réis, e pelo segundo foi absolvido por falta de prova d'accusação. O José Corrêa—o Carregal—foi condemnado em 5 dias de cadeia.

Ambos appellaram.

Foram advogados: de defeza, o ex.mo sr. dr. Eduardo Augusto Chaves, e d'accusação, o ex.mo sr. dr. Victorino Corrêa de Sá, da Villa da Feira.

Nova photographia «Ovarense»

O nosso amigo o sr. Ricardo Henriques da Silva Ribeiro, conceituado commerciante n'esta villa, acaba de abrir, na sua casa, no principio da rua das Figueiras, uma photographia, que principiou já a funccionar.

Visitamol-a no domingo passado; está com todo o asseio, possue tres machinas bem montadas e procede-se agora á construcção do *atelier*.

Vimos seguidamente alguns retratos, avaliamol-os a nosso modo, parecendo-nos o trabalho muito perfeito e nitido, havendo, por ultimo, grande vantagem pela commodidade dos preços.

Tudo isto nos leva a crêr que o sr. Ricardo Ribeiro póde continuar airosamente a sua empreza, pois estamos certos que o publico, especialmente o publico *afficionado*, não deixará de lhe prestar o seu valiosissimo auxilio, procurando-o.

A toda a mocidade vareira que deseja presentear a... escolhida do coração com a sua photographia, apontamos a casa do sr. Ricardo.

Evitam-se assim viagens ao Porto, dispendiosas que são, e mórmente agora que o calor frita a humanidade.

E' no principio da rua das Figueiras, ninguem esqueça!

A nova photographia «Ovarense»!

Chegada

Chegou na segunda-feira, vindo de Coimbra, onde se achava em tratamento, o nosso illustre patricio, ex.mo sr. dr. Anthero Cardoso, dignissimo delegado em Alcobaça.

Acompanhava sua ex.a sua ex.ma esposa, seu cunhado Sommer, abastado capitalista em Lisboa, o seu medico assistente, ex.mo sr. dr. Daniel de Mattos, lente na Universidade e o ex.mo sr. dr. Sobreira, que o foi esperar a Oliveira do Bairro.

Estimamos a vinda de tão prestimoso homem e amigo franco, bem como desejamos que o periodo de convalescença não se faça demorar.

Queixa

A sr.a Maria José Biscaia, viuva, tecedeira, dos Campos, queixou-se na administração do concelho de que uma tal Maria, filha de Joaquim Vieira, de Caudosa, comarca d'Estarreja *levara* um cordão od'uro para sua casa por... esquecimento e que (provavelmente, por esquecimento tambem) o não restituia!

A participação está para juiso.

«Gazeta de Provezende»

Chegou-nos ás mãos, por artes de feitiçaria, este importante jornal dos *almocreves*, e em que vimos uma local muito *chistosa* mas sem comprehensão alguma, referente a um *sinceros* encomios que dirigimos ao sr. pharmaceutico da rua das Taypas, do Porto, ex.ma sr. H. L., por um *escriptinho* muito bonito e muito moderno que publicamos n'um dos n.os passados do nosso jornal.

O homem não gostou dos *ditos* e por isso .. zás: vae ter com a sr.a gazeta de Provezende e em duas palavras..., não disse nada!

Pobre *zézito!* Outra vida; vende dez réis de linhaça e sacode para muito longe de ti a ideia de seres rabiscador das «Marias»!!!

Ao *periodico almocrevense* muitas felicitações pelo novo e *distinctissimo* collaborador, sob o pseudonymo de *Chi-chi!* De *chi-chi* precisas tu e os redactores da folha dos *chis-chis!*

A's tuas ordens... ó pharmaceutico... das «Marias!»

Policia civil d'Aveiro

Foi rendido na sexta-feira passada o destacamento de policia d'aquella cidade que se achava, havia um mez, n'esta villa, por outra de egual numero de guardas, sob o commando do cabo n.º 2, sr. Eginio Rodrigues Vieira.

Em Coimbra

Lá está, desde quinta-feira, o distincto academico e nosso particular amigo, Manoel Bernardino d'Oliveira Vaz.

Que estude muito e seja *bom menino*, para, no fim do mez proximo futuro, regressar com aspecto satisfactorio, certeza de que não vem *rapozado!*

Cartões de visita

De todos os gôstos e para todas as bolsas, mandam-se imprimir com perfeição na imprensa do nosso jornal.

Temos em nosso poder um livro de typos variadissimos e em grande numero para escolha, que enviamos a quem nol-o pedir, bem como encarregamos-nos de mandal-os imprimir e remettel-os aos requerentes.

Para isso, basta sómente dirigirem-se á nossa redacção por meio de carta ou pessoa.

Nada mais barato:

Cartões brancos, a começar em 160 até 400 réis.

Idem, de lucto, a começar em 500 até 800 réis.

Quem não ha de ter cartões de visita?

Dois corações unidos

Ligaram-se no domingo ultimo, á noite, pelo indissoluvel nó do matrimonio, o nosso amigo Antonio de Souza Campos, honrado negociante, nas Pontes, n'esta villa, com a sr.a D. Maria Graça Rodrigues Gomes, da rua do Bajunco.

Antonio Campos é um caracter nobre, muito bemquisto e respeitado dos seus amigos, que conta em grande numero e ao qual (permittam-nos a vaidade, se vaidade se póde chamar á franqueza das nossas palavras) e ao qual, dissemos, pertencemos.

A noiva é uma menina intelligente, mais ou menos illustrada e d'uma bella educação.

Congratulamos-nos devéras em noticiar tão auspicioso enlace, cujas felicidades sinceramente appetecemos.

Ao noivo um apertado abraço e á noiva mil parabens.

Enfermo

Está, ha dias, gravemente enfermo o ex.mo sr. dr. João Maria Lopes, dignissimo contador n'esta comarca.

E' com a maior e mais sincera contristação que traçamos esta local, infelizmente verdadeira e triste, quão grande é tambem o nosso desejo em ver sua ex.a entrar no periodo de convalescença.

Partidas

Partiu no domingo para Lisboa, onde é empregado no commercio, o nosso amigo e patricio José d'Oliveira Gomes, que veio aqui para assistir ao casamento de sua mana e que se realisou n'esse mesmo dia.

—Parte hoje para a cidade de Aveiro, onde se vae empregar n'um cartorio d'escrivão e tabellião, o sr. Angelo Zagallo de Lima, escrevente, que era, ultimamente na camara municipal d'este concelho.

Felicidades.

Retirada

Retiram-se d'esta villa, no domingo de manhã, com destino ao Rio de Janeiro, os srs. Apolinario José da Silva, ferreiro, do largo de S. Miguel, e Antonio Pardal, lavrador, d'Assões.

Que sejam felizes e tenham boa viagem.

S. Guelindrofe

No dia 5 do mez proximo tem logar a festividade d'este santo, em Guilhovai.

Os festeiros andam azafamados e promettem fazer uma festa á altura.

Deus o queira.

A flôr da rapaziada correrá toda áquella pittoresca aldeia n'aquelle dia.

As *roscas* e o *verdasco* terão grande consumo á sombra dos carvalhaes.

CHRONICA

Ai que medo!...

Escrever uma chronica?! Eu?

Deus afaste para longe, para muito longe de mim tal ideia...

Ai que medo!...

Quando me predispunha no domingo ultimo a escavacar a chronica para a *Folha*, recuei, temeroso, aturdido, subiu-me ao cerebro um accesso de loucura, desisti do intento, chorei maguadissimo, cahi em mim, e ultimamente, de mim proprio tive nojo, ao lêr duas chronicas, *duas preciosidades*—a do *Povo d'Ovar* e do *Ovarense*,—duas farpas visadas a attingirem o alvo da minha pessoa, e vindas em direcção tão certeira que, ao recebel-as em pleno peito, recuei, temeroso, aturdido, subiu-me ao cerebro um accesso de loucura, desisti do intento, chorei maguadissimo, cahi em mim, de mim proprio tive nojo, porém... não succumbi d'esta vez!...

Nunca me retratei; espero nunca me retratar; apesar, todavia, de não succumbir ao *ataque* dos meus collegas Tiburcio, do *Ovarense*, e Luiz Arauto, do *Povo d'Ovar*... tenho medo!

E quem o não terá?

*

Eu te admiro, ó Luiz Arauto, narrador que és, sem egual, dos idyllios platonicos!

Eu curvo-me, de chapeu na mão, perante a grandeza do teu saber; fascina-me o brilho da tua intelligencia, que, occultamente, a fazes mostrar nas tuas chronicas... amorosas, amenas, sublimes, veridicas...

E tu, immortalisado homem chamado Julio Diniz, tu, cuja fama rebôa e reboará eternamente pelas memorias do passado, tu... quem és tu hoje? Que merito podem ter as tuas *Pupillas*, os teus *Fidalgos da Casa Mourisca*, a tua *Morgadinha dos Canaviaes*, etc., etc., comparado todo o teu trabalho com as chronicas do *Povo d'Ovar*, chronicas traçadas pelo Luiz... dos idyllios platonicos, pelo Deus da sciencia, pelo rei do estylo?

Ai, Julio Diniz, morreste, mas não morreu o teu nome!

Ai, Julio Diniz, morreste, nasceu Luiz Arauto... morreu o teu nome!...

Que te resta? A fama tua está desmentida...

—Eu...—quem sou eu?...

Que ignorancia, que arrojo eu tenho em tentar fazer um panegyrico pallido, humilde, mas sincero, do talento em pessoa, do... do meu collega Luiz?

—Collega?!

Perdoa-me, ó *coisa;* foi sem o minimo intuito que deixei cahir do bico da pobre penna a palavra—collega!

Desculpa-me, filho. Vae para o Carregal, quando os primeiros clarões matinaes apparecerem no horisonte, lembrar-te da tua *bella!* Vae; deixa-te de historias. Descreve-me isso, como costumas, em estylo bonito e, quando a musa se tornar por qualquer fórma ingrata para ti, agarra-te a Santa Catharina, e supplica-lhe, o mais devotamente possivel: «Minha milagrosa Santa Catharina, nunca me desampareis; dae-me, como até aqui, sempre forças para que, por meio da leitura das minhas *perolas* chamadas chronicas, *ella*, lá o meu *bemsinho*, goste de mim!

Fazei-me mais, pela vossa graça, o milagre de, ao ir-me para o escriptorio *a veja*, á janella, por entre os cortinados de damasco!

Sim, minha querida santa?!

Para que me guieis sempre: Padre Nosso, etc.»

*

Peço ao collega Luiz, que para domingo trate, em vez do fallecimento do café «Pepino», das Pepinas...

E' favor.

*

Ora volta-te para mim agora, ó Tiburcio. Vae com vista á tua amabilissima pessoa a seguinte resposta á tua de domingo passado, em que estampaste o meu humilde nome.

Ora ouve:

.....

E tu, ó Tiburcio, *idiota*-mór d'estes reinos, 1.º official da repartição dos *telhudos*, auctor do livro de cartas amorozas, 1.º astronomico do mundo (já sabe definir o que é eclypse!), que fazes tu que não morres, visto *delirares* sempre, sempre, desde que amas?...

Tu, Tiburcio, noviço que és no convento das chronicas, tu dás esperanças á familia, se deixares de amar *delirantemente*, pois, do contrario, morres *delirado*...

*

Pobre moço! Que força d'amor é o d'elle que até já *delira!*

Pobre moço!

Olha cá, ó Tiburcio (o nome condiz com a pessoa), olha cá: E's tu que escreves ou despendes de cada vez 1$215 réis para escreverem por ti?!

As tuas chronicas cheiram-me a *luvas*, a *oculos*...

Não ha que ver: ou são do homem dos *pergaminhos*, ou do ex.mo sr. thesoureiro das repartições da nação portugueza, visconde dos 1$215 réis.

Dos dois um. Seja quem fôr, estou aos dispôr, e é demasiada honra para mim fallar em suas ex.as nos meus pobrissimos escriptos.

*

Leitores: peço-vos desculpa. Para outra vez ser-vos-hei mais agradavel.

Andei hoje á farpa com os *pãosinhos* cá da terra, os chronistas, os idiotas!

Jayme.

Para quem gostar

Pessoa acobertada pelo *pseudonymo*, acaba de enviar a esta redacção uma canastra d'anecdotas, não sabemos se da sua lavra, copiadas ou *pilhadas*, o que é mais provavel. Seja como fôr, ahi vão algumas, pedindo nós, desde já, ao *desconhecido*, continúe a honrar com a sua collaboração nova o nosso modesto semanario.

—Sim, senhor, é excellente a sua cocheira.

—Esta foi a que mandei fazer para mim; venha vêr agora a que estou mandando fazer para meu filho quando voltar bacharelado.

*

Entre dois republicanos vareiros:

—Que diabo! parece impossivel que te negues a emprestares-me 5$000 réis! Um amigo quando póde, como tu, deve ajudar o outro.

—Pois sim, mas tu és sempre... o outro!

Lulú.

SECÇÃO CHARADISTICA

Decifrações do n.º 13

Do enygma:
Luva.
Do logogripho:
Typographia.

Do numero antecedente

Das charadas novissimas:
Lino
Rosalinda
Maria
Sympathia
Felisbella
Arado
Cunhado
Esôpo
Simão
Rosalia.

*

LOGOGRIPHO

Assim é a creancinha—2, 9, 3, 8, 5, 11, 9, 10, 6
Quando mostra seu prazer,—12, 4, 1, 7, 2, 12, 8
Assim são os animaes
Que vos dou para entreter.

Dardo.

*

CHARADAS NOVISSIMAS

O fim, da sciencia, é uma sciencia—2-3

Na maca, do convento, ha uma planta.—1-2

Esta medida é assumpto, da excommunhão.—2-2

Na cara e no braço, vê-se o animal.—1-1

No animal ha o poder, da imprecação—1-2

A vogal é appellido, ligeiro.—1-1

Novato.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ANNUNCIO

—

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juiso de Direito da comarca d'Ovar, escrivão Sobreira, corre seus termos «uma justificação avulsa» contra o ministerio publico e interessados incertos, requerida por Gracia Lopes dos Santos e marido Affonso José Martins, proprietario, da rua da Fonte, d'esta villa, os quaes allegam: que José d'Oliveira Vinagre, viuvo, negociante, da rua do Picôto, da mesma villa, falleceu sem ascendencia nem descendencia e com testamento cerrado e approvado em 19 de março ultimo, no qual instituiu sua unica e universal herdeira aquella Gracia Lopes dos Santos, sua sobrinha;

Que entre os bens do referido José d'Oliveira Vinagre, havia averbadas em seu nome as seguintes obrigações da Companhia Geral do Credito Predial Portuguez: do juro de 6 p. c., as de n.ºs 35:541 a 35:550, 64:001 a 64:005, 64:006 a 64:010, 69:902 e 114:031—52 do juro de 5 p. c. e de n.ºs 24:931 a 24:940, 36:917, 76:571, 76:572, 76:620, 76:621, 76:663, 76:664, 80:051 a 80:055, 80:056, a 80:060, 80:061 a 80:065, 80:066 a 80:070, 80:071 a 80:075, 80:076 a 80:080, e 80:101 a 80:105—e 17 do juro de 4 ½ p. c. e de n.ºs 1:384, 1:385, 5:241 a 5:245 e 9:951 a 9:960:—Que á justificante, como unica herdeira do referido testador, seu tio, devem ser averbadas aquellas obrigações, pois que ella é a propria a que se refere o testamento, á face do qual devem a justificante e seu marido ser julgados unicos e universaes herdeiros do testador, dito José d'Oliveira Vinagre, para haverem os bens da sua herança e, como tal, em seu nome se averbarem aquellas obrigações e receber os juros vencidos.

Em vista do que correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação d'este annuncio na folha official, citando quaesquer interessados incertos para, na segunda audiencia posterior ao praso dos editos, verem accusar a citação e assignar-lhes o praso de tres audiencias para deduzirem o que tiver a oppôr á pretenção dos justificantes.

As audiencias n'este juiso fazem-se todas as segundas e quintas-feiras, ou nos dias immediatos, sendo aquelles sanctificados, e sempre pelas dez horas da manhã, no Tribunal Judicial, sito na Praça d'Ovar.

Ovar, 19 de maio de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.

(23)

EDITOS

—

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juiso de Direito da comarca de Ovar, escrivão Sobreira, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando os credores e legatarios por ora desconhecidos, para deduzirem os seus direitos no inventario de menores aberto por obito de Lazaro Rodrigues, morador, que foi, no logar da Ribeira, d'esta villa.

Ovar, 17 de maio de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.

(24)

EDITOS

—

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juiso de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando quaesquer interessados incertos, para na segunda audiencia d'este juiso posterior áquelle praso, verem accusar a citação e assignar-lhes tres audiencias para deduzirem qualquer opposição á acção especial requerida por Francisco Nunes Coelho, solteiro, do logar do Monte, Jacintho Rodrigues da Silva e mulher Margarida Gomes, do logar da Murteira, Antonio Soares d'Almeida e mulher Anna Gomes, do logar do Monte, José Fernandes e mulher Maria Gomes, e José Francisco Grave, solteiro, do mesmo logar do Monte, todos da freguezia d'Arada; na qual pretendem habilitar-se como universaes herdeiros de seu irmão e tio, Antonio Nunes Coelho, que, no estado de solteiro, sem testamento nem descendentes, se ausentou para o Brazil, ha mais de trinta annos, sem d'elle haver noticias, visto que seus paes João Nunes Coelho e Maria de Jesus, são fallecidos, assim como sua irmã, Josefa Gomes e marido.

Tambem correm editos de seis mezes citando o mesmo ausente Antonio Nunes Coelho, para, na segunda audiencia findo o referido praso, que será contado tambem da segunda publicação d'este annuncio, vêr accusar a citação e requerer e allegar na terceira audiencia seguinte o que lhe convier na dita acção.

As audiencias fazem-se n'este juiso ás segundas e quintas-feiras de cada semana, pelas 10 horas da manhã, no Tribunal Judicial, sito na Praça, d'esta villa, ou nos dias immediatos sendo aquelles sanctificados.

Ovar, 21 de maio de 1892.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysio Ferraz de Abreu.

(25)

EDITOS

—

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juiso de Direito da comarca de Ovar, e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de 60 e 30 dias a contar da segunda publicação d'este annuncio, citando, pelos primeiros, os interessados Manoel da Cruz, casado, residente para os lados do Porto, Antonio Marques, casado, José Marques, casado, ausentes no Brazil, e todos em parte incerta; e pelos segundos, os credores e legatarios desconhecidos, residentes fóra da comarca, para, no inventario de menores a que se procede por obito de João Marques, do logar da Ervideira, freguezia de Vallega, cumprirem com o disposto nos §§ 3.º e 4.º do artigo 696.º do Codigo do Processo Civil.

Ovar, 16 de maio de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysio Ferraz de Abreu.

(22)

PROFESSOR

—

Francisco Rodrigues do Valle, estudante do 1.º anno juridico, abriu no primeiro de maio, na sua casa, rua do Outeiro, o seu curso de instrucção primaria, francez, portuguez, litteratura, latim, geographia, historia, physica, chimica e historia natural, mathematica (1.ª parte) e philosophia.

AVISO

AO

PUBLICO

Arnaldo Augusto da Silva Moura participa ao respeitavel publico em geral e aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir um atelier de alfaiate, no largo da Praça, n.ºs 35 e 36, Ovar, no qual se fazem fatos promptos a vestir de magnificas fazendas, desde o preço de 4$500 até 20$000 réis; assim como se encontra um grande e variado sortimento de fatos feitos tanto para homem como para creança.

No mesmo estabelecimento se faz um fato completo em 12 horas, responsabilisando-se pelo bom trabalho e boas fazendas, tendo para isso um pessoal habilitado.

Preços extremamente baratos para adquirir freguezia.

Aos srs. viajantes

—

Appareceu hoje á venda em todas as livrarias um pequeno folheto cujo prestimo está declarado no seu titulo, *Guia auxiliar para as viagens de excursão em todas as linhas ferreas de Portugal*, com itenerarios escolhidos á vontade dos passageiros.

Custa este folheto a insignificante quantia de 60 réis, e é revisto pelo engenheiro o ex.mº sr. F. Perfeito de Magalhães, e editado pelos prestimosos e bem conhecidos livreiros-editores Guillard, Aillaud & C.ª

Em Ovar, vende-se em casa de **Silva Cerveira.**

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

CASA

Vende-se na rua do Pinheiro uma pertencente a D. Julia E. Dias de Lima. Tem quintal e poço.

Noções Praticas de Tachygraphia

—

Foi agora publicado sob este titulo um methodo de tachygraphia, escripto pelo nosso collega da *Folha do Povo* J. Fraga Pery de Linde, tachygrapho da camara dos pares, que o dedicou especialmente a jornalistas e estudantes.

A edição é da casa Guillard, Aillaud & C.ª, e custa apenas 200 réis.

Vende-se em casa de **Silva Cerveira—Ovar.**

As noções praticas da tachygraphia devem ser adquiridas por todos os que desejarem aprender a fórma de tomar rapidamente quaesquer apontamentos.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil

Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.

Porto—IMPRENSA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77